

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOTÍCIA DE UM ACHADO DE  
QUIRATES INSERTA EM «AL-ANDALUS», VOL. XVII — 1952

Por

JOSÉ RODRIGUES MARINHO

Estando a proceder ao estudo e classificação de diversas moedas hispano-arábicas do tipo quirate, provenientes de um volumoso achado ocorrido ao sul de Beja em 1954, e recordando-nos que a revista *Al-Andalus — Revista de las Escuelas de Estudios Arabes de Madrid y Granada*, vol. XVII — 1952 — inseria a pp. 443 e 444 a notícia de um pequeno achado em Espanha de moedas idênticas, próximo da localidade de Gibraleón (Huelva), no ano de 1943, procurámos fazer uma resenha comparativa dos dois conjuntos, pela semelhança que logo notámos entre alguns dos exemplares agora estudados e as peças reproduzidas naquela revista, nas lâminas 35 e 36.

Não é nosso intuito escrever aqui as conclusões a que chegámos nesse trabalho comparativo. E isso porque sentimos a necessidade de, antes, sermos esclarecidos sobre inúmeras dúvidas que nos surgiram com as fotografias publicadas de 36 moedas de Gibraleón. Ao expormos essas dúvidas aproveitamos para ir registando a classificação que, em nosso entender, talvez errado, devem ter as referidas moedas. Para isso socorremo-nos, também, da obra mestra de Vives y Escudero *Monedas de las Dinastias Arabigo-Españolas* <sup>(1)</sup>, e referimos, sempre que possível, o correspondente número sob que é descrita a moeda na obra de Harry W. Hazard *The Numismatic History of Late Medieval North Africa* <sup>(2)</sup>, exhaustiva compilação de todas as moedas conhecidas que cabem no âmbito proposto por este autor.

(1) Madrid, 1893.

(2) New York, 1952.

Eis a nossa classificação das 36 moedas, tirada pelas fotografias em *Al-Andalus*:

n.º 1 — Vives n.º 1775 — Hazard n.º 982.

Mencionada como Vives n.º 1774. Legenda do anverso mal dividida na 3.ª e 4.ª linhas: deverá ser

اللا اله الا الله

محمد رسول الله

الامير سير

n.º 2 — Idem.

n.º 3 — Idem.

n.º 4 — Idem.

n.º 5 — Idem.

n.º 6 — Vives n.º 1826 — Hazard n.º 1003.

Referida como semelhante às anteriores, mas repare-se que a moeda menciona o emir Tâshfin e não o emir Sir, e que a divisão por linhas da legenda do anverso é diferente:

الله

لا اله الا

محمد رسول

الله الامير

تاشفين

n.º 7 — Referida em *Al-Andalus* como sendo o tipo Vives n.º 1775. Cremos estar na presença de dois reversos de moedas diferentes: Vives n.º 1826 e n.º 1775, respectivamente.

n.º 8 — Vives n.º 1826 — Hazard n.º 1003.

Referida como Vives n.º 1775.

n.º 9 — O anverso parece-nos ser o reverso do tipo descrito por Vives com o n.º 1988 <sup>(3)</sup>. O reverso é o n.º 1826 de Vives.

<sup>(3)</sup> Nas moedas por nós vistas do achado ao sul de Beja, há dois exemplares iguais a este quirate anónimo de Badajoz.

As duas faces não se correspondem. A dificuldade foi rodeada, na descrição em *Al-Andalus*, escrevendo-se apenas: «rev. como el n.º 1775 de Vives», o que também não corresponde.

- n.º 10 — Descrita em *Al-Andalus* como «'Alī ibn Yūsuf con Ibrāhīm». Deve tratar-se de um lapso e pretender escrever-se Tāshfin ibn 'Alī com Ibrāhīm. De facto o anverso parece ser o tipo n.º 1885 de Vives — Hazard n.º 1035, ou melhor, a variante referida com o n.º 1034, diferentes, respectivamente, por لا اله الا الله e لا اله الا الله . O reverso, todavia, é o n.º 1775 de Vives.
- n.º 11 — Vives n.º 1826 — Hazard n.º 1003.  
Em *Al-Andalus* refere-se como pertencendo a este tipo as moedas desde o n.º 11 ao n.º 23, embora com «variantes paleográficas»; menciona-se a legenda do anverso com a divisão por linhas inexacta: deverá escrever-se tal como a damos atrás, para a moeda n.º 6.
- n.º 12 — Anverso: Vives n.º 1826. Reverso: Vives n.º 1775.
- n.º 13 — Cremos que ambas as faces são o anverso do tipo n.º 1826 de Vives. Poderá tratar-se de um erro de cunhagem mas, atendendo a toda a apresentação do conjunto, a hipótese que se nos afigura provável é a de algumas fotografias terem sido trocadas, aparecendo aqui a mesma face de duas moedas iguais.
- n.º 14 — Vives n.º 1826.
- n.º 15 — Idem.
- n.º 16 — Anverso: Vives n.º 1826. Reverso: Vives n.º 1885 — Hazard n.º 1034 ou n.º 1035.
- n.º 17 — Vives n.º 1826.
- n.º 18 — Anverso: Vives n.º 1775. Reverso: anverso de Vives n.º 1826.
- n.º 19 — Vives n.º 1775.
- n.º 20 — O anverso é o tipo Vives n.º 1827 — Hazard n.º 1004. O reverso, no entanto, é o n.º 1826 de Vives.

n.º 21 — Vives n.º 1775.

n.º 22 — Idem.

n.º 23 — Não concordamos em classificar esta moeda, batida em caracteres *nesqui*, como variante paleográfica do n.º 1826 de Vives. Parecerá que é uma variante nova quando, assim mesma, é o tipo Vives n.º 1822 — Hazard n.º 1001.

n.º 24 — É de facto o n.º 12 de Codera (4). Vives n.º 1827 — Hazard n.º 1004.

Nada conhecemos, contudo, que autorize a dar estas moedas como saídas da *ceca* Jaén, o que não quer dizer que não possam ser dela. Nem Codera — o que seria natural na descrição que, com várias considerações, faz do exemplar (5) — nem os autores que se seguiram apontam, para este cunho, a referida proveniência. A descrição em *Al-Andalus* menciona a conjunção *;* no início da 3.ª linha do reverso, que cremos não existir nos três exemplares de Gibrleón.

n.º 25 — Vives n.º 1827.

n.º 26 — Anverso igual ao da moeda com o n.º 32. Reverso: Vives n.º 1827.

(4) Lam.ª XX do *Tratado de Numismática Árabe-Espanhola*, Madrid, 1879.

(5) No seu *Tratado*, na p. 198, e após referir os locais de cunhagem de moeda de ouro de 'Alí ben Yūsuf, Codera menciona as localidades de que conhecia quirates, entre elas Jaén, concluindo ser «de supor que se cunhasse moeda de prata nos mesmos, ou em mais pontos, que a de ouro». Estamos convictos de que se referia, para Jaén, ao *dirham* ou duplo quirate, descrito por Vives com o n.º 1810 — Hazard n.º 1017 —, única moeda almorávida que conhecemos desta *ceca*.

E chega-se à mesma conclusão com o estudo de Prieto y Vives *La reforma numismática de los almohades*, publicado em «Miscelanea de estudios y textos árabes», Madrid 1915, onde na p. 31, na nota (1) referente às moedas batidas na Península no período entre almorávidas e almóadas, exprime a opinião de que «especialmente o n.º 2045 (de Vives y Escudero, obra citada) parece-se muito às moedas almorávidas de prata cunhadas em Jaén». Ora a descrição de Vives y Escudero, do n.º 2045 como *dirham*, filiou-se em razões ponderais e dimensionais. Elas, certamente, também influíram na comparação feita por Prieto y Vives.

A reprodução deste duplo quirate de Jaén é dada em *La Moneda Árabe-Espanhola*, por Casto M.ª del Rivero — Madrid 1933 —, na p. XI, e a descrição na p. 161, como exemplo tipológico ao longo da amoedação hispano-árabe.

n.º 27 — Diz *Al-Andalus*: «De Tāsufin ibn ‘Alī..... con Ibrāhīm, son los nos. 27 y 28; en rev. *بنی تاشفین بن علی و ابراهیم*. Não concordamos com a classificação nem com a leitura, pois nenhuns sinais se poderão interpretar como «ibn ‘Alī» ou «Ibrāhīm». A legenda do reverso é

اللهم ارحم  
امرا المسلمين  
بنی تاشفین

Este quirate anónimo está descrito por Vives sob o n.º 1980 — Hazard n.º 1053 —, e pertence ao grupo a que Codera chama de «piedosa recordação dedicada à boa memória da dinastia extinta» (°).

n.º 28 — Idem.

n.º 29 — É efectivamente a moeda descrita por Codera (°) sob o n.º 3, p. 204. Vives n.º 1885 — Hazard n.º 1035.

n.º 30 — Idem.

n.º 31 — Em *Al-Andalus*: «... es variante del n.º 1871 de Vives, ...» A moeda, cuja fotografia felizmente se lê, não está batida em nome de Tāshfīn ibn ‘Alī mas sim no do irmão, que foi o último príncipe da dinastia, o malgrado jovem Ishāq. É o tipo referido por Hazard com o n.º 1040, pequena variante de Vives n.º 1895 por não ter a conjunção *و*, no início da 2.ª linha do reverso.

n.º 32 — Considerada em *Al-Andalus* variante do n.º 2017 de Vives, assim como a moeda n.º 33.

Creemos que é mais do que uma variante, devendo ser classificada como tipo inédito, pois, além de não ter mencionado o local de cunhagem, a legenda do reverso

(°) *Decadencia y Desaparición de los Almoravides en España — Zaragoza 1899 —*, p. 392.

(°) *Tratado de Numismática...*

nao é, exactamente ou com outra distribuição, a mesma da moeda de Vives (\*), mas sim

المهدي  
الذي بشر  
به النبي

- n.º 33 — Anverso: Tipo do anverso de Vives n.º 1988. Reverso: como o da moeda n.º 32.
- n.º 34 — Descrito como quirate almóada, com o n.º 35 (lapso). Corresponde efectivamente ao n.º 6 da Lam.ª XXII de Codera (º). Vives n.º 2016 — Hazard n.º 1060. Sentimos a falta de um estudo profundo que englobe todas as moedas desta época com menção de o Mahdī. Codera, no ano de 1879 (10), classificou esta moeda como almóada. Vives y Escudero, em 1893 (11), colocou-a, cautelosamente e em grupo à parte, na secção correspondente às taifas almorávidas. Hazard, modernamente (12), atribuiu-a de novo aos almóadas, registando-a como batida no Norte de África (?) pelos seus par-

---

(\*) O próprio tipo de letra, redonda e muito regular, desta moeda inédita, desabona uma semelhança com o tipo n.º 2017 de Vives, de letra miudinha e menos cuidada, de que possuímos um exemplar um tanto usado. Pelas suas características, supomos o quirate de Ceuta batido pelo almorávida Yahya al-Sahrāwī, e portanto ligado ao dinar por ele cunhado nesta cidade e datado de 543 H. (ver *Familia real de los Beni Texufin* — separata da «Revista de Aragon», 1903, pp. 30 e 31). Quanto à moeda n.º 32, à parte os dois exemplares de Gibrleón — em perfeito estado de conservação —, nunca a havíamos visto antes do achado ao sul de Beja, em 1954, nem conseguimos apurar a sua existência em colecções portuguesas antigas. Deste achado conhecemos 43 exemplares, pouco ou nada usados, 5 dos quais estão na nossa colecção. Adquirimos em Março de 1966, de procedência desconhecida, um outro exemplar igualmente em bom estado (juntamente com um terço de dinar do ano 102 H. e um quirate tipo Vives n.º 1775), nada indicando que não possa ser do mesmo achado, infelizmente muito disperso. Temos como mais provável que estes quirates tenham sido batidos na Península, em pequena quantidade, em localidade não muito afastada da linha Mértola-Silves, e que hajam tido um tempo efémero de circulação.

(º) *Tratado de Numismática*.

(10) *Tratado de Numismática*, p. 225.

(11) *Obra referida*, pp. LXXVII, LXXVIII e 339.

(12) *Obra citada*, p. 263.

tidários. Tomando a liberdade de dar a nossa opinião, concordamos com Prieto y Vives — estudo referido atrás, na nota (5) — quando diz que, verosimilmente, foram cunhadas na Península durante a rebelião dos «muridas»; e inclinamo-nos para a hipótese de a moeda não ter sido batida evocando ibn Tūmart, embora tenha uma legenda chamada de teor almóada (13).

n.º 35 — A descrição em *Al-Andalus* presta-se a confusão: «El n.º 35 المهدى // الله , como el n.º 36, es un medio quirate; respecto al ultimo conviene recordar...».

Assim, dá a entender, e bem, que as moedas não são iguais, sendo da primeira a legenda que reproduz, lapso que, afortunadamente, se desfaz com a fotografia que mostra o contrário. A legenda deste meio quirate parece-nos ser:

مهدى  
الإمام

Será, pois, outra espécie inédita, talvez submúltiplo da série cujo tipo é o n.º 2014 de Vives — Hazard n.º 1059 (14).

n.º 36 — A fotografia não deixa ver a legenda em todos os pormenores, mas os traços visíveis tornam admissível a leitura

الله  
المهدى

Não achámos esta moeda descrita nos catálogos. Seria de grande interesse a publicação de uma fotografia nítida, para uma comparação epigráfica com outras moedas do mesmo tempo, tanto mais que nos parece haver no reverso uma letra ou uma pequena legenda.

(13) As mesmas dúvidas teve Joaquim Figaniér ao tratar de uma moeda de Ibn Qasí com legenda semelhante: ver *Moedas árabes do séc. XII encontradas no concelho de Sesimbra*, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 8, Lisboa 1958, pp. 180 a 182.

(14) A escrita de «o imame» neste meio quirate é cópia fiel da mesma palavra nos dois exemplares, de proveniências distintas, do tipo n.º 2014 de Vives, existentes na nossa colecção.

\*  
\* \* \*

Ficámos com viva insatisfação por não termos conseguido decifrar sem reservas o «puzzle» que nos foi apresentado em *Al-Andalus*. Estamos em crer que as fotografias foram «baralhadas» antes de chegarem às mãos do ilustre numismata que é D. Felipe Mateu y Llopis, infatigável coordenador dos *Hallazgos Numismáticos Musulmanes*. Pela forma como foi feita a descrição é de supor que se lhe tenham deparado as maiores dificuldades com este conjunto, certamente agravadas por incluir algumas séries que não são vulgares, diremos mesmo raríssimas, e que, conseqüentemente, oferecem poucas oportunidades de estudo.

Do que atrás expomos, figuram em *Al-Andalus* 10 moedas, que mencionamos a seguir, cujas fotografias devem ter sido trocadas. Vamos pois anotar, para os aversos e reversos que admitimos trocados, das moedas representadas nas fotografias, a classificação que lhes cabe na obra de Vives:

| Moeda  | Anverso          | Reverso          |
|--------|------------------|------------------|
| n.º 7  | rev. do n.º 1826 | rev. do n.º 1775 |
| n.º 9  | rev. do n.º 1988 | rev. do n.º 1826 |
| n.º 10 | anv. do n.º 1885 | rev. do n.º 1775 |
| n.º 12 | anv. do n.º 1826 | rev. do n.º 1775 |
| n.º 13 | anv. do n.º 1826 | anv. do n.º 1826 |
| n.º 16 | anv. do n.º 1826 | rev. do n.º 1885 |
| n.º 18 | anv. do n.º 1775 | anv. do n.º 1826 |
| n.º 20 | anv. do n.º 1827 | rev. do n.º 1826 |
| n.º 26 | em nome do Mahdī | rev. do n.º 1827 |
| n.º 33 | anv. do n.º 1988 | em nome do Mahdī |

Destas moedas podem agrupar-se como sendo do mesmo exemplar os aversos e reversos dos tipos n.º 1827, 1885 e em nome do Mahdī. Restam-nos um averso e três reversos do tipo n.º 1775 e cinco aversos e três reversos do tipo n.º 1826. Na revista *Al-Andalus* que consultámos, algumas das fotografias não são totalmente nítidas, e tenha-se presente que os reversos desses tipos n.º 1775 e 1826 de Vives <sup>(15)</sup> diferem ligeiramente: epigrafia um pouco menos cuidada e falta da conjunção , no início da 2.ª linha no tipo n.º 1826. Uma revisão que fizémos de todas as fotografias, permite-nos admitir a hipótese de pertencerem ao tipo n.º 1826 os reversos das fotografias com os n.º 1 e 2. Assim, o conjunto ficará acertado, mas com as naturais reservas numa classificação feita nas condições expostas.

A distribuição dos quirates na p. 443 de *Al-Andalus* passará então a ser, segundo o nosso critério:

|                            |                     |    |
|----------------------------|---------------------|----|
| 'Alī ben Yūsuf e Sīr       | tipo n.º 1775       | 9  |
| 'Alī ben Yūsuf e Tāshfin   | tipo n.º 1822       | 1  |
|                            | tipo n.º 1826       | 11 |
|                            | tipo n.º 1827       | 3  |
|                            | tipo n.º 1885       | 3  |
| Tāshfin ben 'Alī e Ibrāhīm | tipo n.º 1885       | 3  |
| Ishāq ben 'Alī             | tipo n.º 1895       | 1  |
| Anónimas almorávidas       | tipo n.º 1980       | 2  |
| Anónimas de Badajoz        | tipo n.º 1988       | 1  |
| Em nome do Mahdī           | tipo n.º 2016       | 1  |
|                            | tipo inédito        | 2  |
|                            | 1/2 quirate inédito | 1  |
|                            | 1/2 quirate inédito | 1  |
|                            |                     | 5  |
|                            |                     | 36 |

Achamos do maior interesse uma nova publicação das fotografias, identificadas com as moedas e com uma revisão da sua publicação, pois um estudo comparativo com o achado de moedas semelhantes no sul do território português, que estamos classificando, possibilitaria

(15) Do achado ao sul de Beja vimos até agora, respectivamente, 62 e 66 exemplares destes dois tipos de quirates, considerados por nós os mais vulgares.

conclusões para um conhecimento mais claro das cunhagens que teriam sido feitas pelos príncipes das chamadas taifas almorávidas ou segundas taifas.

Lisboa, 16/2/1967

#### SUMMARY

In an analysis of the protographs of 36 qirats struck by the Murābits and by petty rulers from the South of Portugal and Spain after the downfall of this dynasty, published in the plates 35 and 36 — pp. 442 and 443 — of *Al-Andalus, Revista de las Escuelas de Estudios Arabes de Madrid y Granada*, vol. XVII, 1952, the author, a Portuguese numismatist, classifies in a different way nearly all the coins studied by Felipe Mateu y Llopis. He points out the change of obverse and reverse among the photographs of 12 of the published coins. The author tries to find the correct relationships between obverses and reverses in the photographs and indicates the existence of three unpublished coins.